



DA HISTÓRIA DISTANTE DAS PANDEMIAS A REALIDADE DA COVID-19

^{1,*}Thaina Jacome Andrade de Lima, ²Maria Valeria Chaves de Lima, ³Kalyane Kelly Duarte de Oliveira, ⁴Vaniely Oliveira Ferreira, ⁵Lauana Cristina Chaves Ferreira and ⁶Janaina De Queiroz Maciel

^{1,2}Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Pau dos Ferros

³Faculdade de Ciência da Saúde do Trairi - FACISA/Universidade Federal do Rio Grande do Norte

⁴Enfermeira, Mestre em Saúde da Família pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Doutoranda Pela Universidade Estadual do Ceará-UECE

⁵Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

⁶Enfermeira pela Universidade Potiguar- UnP, Mestranda no Programa de Pós- Graduação em Saúde e Sociedade da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

ARTICLE INFO

Article History:

Received 14th February, 2021

Received in revised form

05th March, 2021

Accepted 19th April, 2021

Published online 15th May, 2021

Key Words:

Doenças Transmissíveis Emergentes, Pandemias, Infecções por Coronavírus, Saúde Global.

ABSTRACT

Objetivo: discutir as semelhanças das pandemias anteriores com a pandemia da covid19. **Método:** estudo teórico-reflexivo. **Resultados:** as pandemias costumam ser infectocontagiosas. As doenças desse tipo costumam ser de rápido contágio e transmissão a longo espectro. Elas podem seguir o caráter de serem zoonóticas, sexualmente transmissíveis, cutâneas, arboviróticas, de veiculação hídrica e respiratória. As formas de entrada pelo corpo podem variar, mas existe uma predisposição das doenças pandêmicas em adentrarem no corpo humano pelo sistema respiratório por ser um percurso breve para a reprodução da doença. Nota-se que há uma forte relação das doenças infecto contagiosas com as questões de higiene humana que levantam quesitos gestão, comprometimento e saúde coletiva. Além de que, a maioria das pandemias inicialmente receberam pouca importância como calamidades públicas. **Conclusão:** a prevenção e a promoção são de certo modo o redutor de impactos quando se soa o alarme de uma enfermidade emergente.

Copyright © 2021. Thaina Jacome Andrade de Lima et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Thaina Jacome Andrade de Lima, Maria Valeria Chaves de Lima, Kalyane Kelly Duarte de Oliveira, Vaniely Oliveira Ferreira, Lauana Cristina Chaves Ferreira and Janaina De Queiroz Maciel. "Da história distante das pandemias a realidade da covid-19.", 2021. *International Journal of Current Research*, 13, (05), 17220-17223.

INTRODUCTION

Desde que o ser humano começou a habitar a terra, ele tem movido esforços para tornar o ambiente em que vive propício a seus modos de andar a vida e a sua reprodução. No entanto, a partir do momento que este começou a modificar esse ambiente e desfrutá-lo, a raça humana precisou adaptar-se as respostas que advém das alterações realizadas. Embora com o passar das décadas muitos registros tenham se perdido sobre as doenças que assolaram o homem, estudos mostram que desde os anos 400 ac, por volta da época de Aristóteles, o homem já enfrentava a luta contra doenças infecciosas, em diferentes perspectivas, endemias, epidemias, pandemias e surtos, e conseqüentemente já registravam um quantitativo considerável de mortes (Martins, 2020)

Essas doenças causadas por bactérias, protozoários, vírus, possuem múltiplos determinantes que justificam seu aparecimento, conquanto estejam diretamente relacionadas a condições sanitárias precárias, mutações de agentes patogênicos, queimadas e desmatamentos, e baixa capacidade de enfrentamento. Dessa forma tais doenças acabam sendo fatalidades emergentes e reemergentes (Martins, 2020) Contudo, as formas de identificação das doenças e as maneiras como os homens as enfrentavam foram distintas a cada exposição a enfermidades, tendo em vista o conhecimento científico do período, as culturas que vigoravam, as formas de governo e as relações sociais. Hoje, para a organização e estudos de doenças contamos com a área de Epidemiologia, que busca ver o estado de saúde das populações e a ocorrência das doenças. Os perfis de adoecimento são descritos através da identificação da etiologia das doenças, de seu prognóstico, história natural, por meio da extensão do distúrbio, assim como na criação e avaliação de medidas preventivas e terapêuticas, e de dados, planos, e políticas quantitativas e qualitativas para o bem geral das populações (Pereira, 2016). Destarte para entender qual a gravidade de uma doença infecciosa e sua capacidade de expansão classifica-se de acordo com o número de contágios e as localidades a qual ela afeta.

*Corresponding author: Thaina Jacome Andrade de Lima, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Pau dos Ferros.

Assim quando há episódios de surtos, entende-se que há um aumento do número de casos de uma doença em uma região específica. Quando se refere a endemias retrata-se que a doença aparece frequentemente em um local, em uma época específica, não tendo relação direta com questões quantitativas. Quando se menciona epidemia entende-se que é quando um surto acontece simultaneamente em diversas regiões. E Pandemia é quando a doença se espalha a nível global, em diferentes regiões do planeta, sendo o nível mais grave de expansão de uma doença (Igreja Adventista do sétimo dia 2020). Em níveis pandêmicos há exatamente 102 anos atrás o planeta terra lutava para livrar-se de uma das maiores pandemias já existentes, conhecida como “a mãe de todas as pandemias”, a gripe espanhola que embora assim denominada não surgiu na Espanha, mas nos Estados Unidos por volta de 1918. Não se sabe o número preciso de mortes que a gripe ocasionou entre seu período inicial, pico e fim, mas especula-se que o número gira em torno de 20 a 50 milhões de pessoas, acredita-se que pequenas cidades e províncias foram dizimadas (De Matos, 2018). Infelizmente, por sincronismo ou não, após o centenário da gripe espanhola o mundo vive uma nova pandemia, a da corona vírus, surgido na China, e em um cenário neoliberal, capitalista e globalizado, buscam-se maneiras de vencer a doença infecciosa que já infectou mais 16 milhões de pessoas no mundo e já levou a morte de mais de 600 mil. A chegada da covid-19 retrata novamente os quadros que costumam ser escancarados diante de catástrofes de adoecimento, o mundo lida com as doenças de maneira desigual e política, e os resultados nem sempre costumam ser positivos, ainda que as pandemias terminem (Chalo, 2020) Posto isto questiona-se o que as pandemias já ocorridas têm em comum? O texto objetiva discutir as semelhanças das pandemias anteriores com a pandemia da covid19.

MÉTODOS

Estudo teórico-reflexivo, moldado com base na leitura crítica de textos que retratam os tipos de pandemias já existentes no mundo e seus contextos históricos, epidemiológicos e sanitários. Realizou-se uma pesquisa exploratória e sistemática em bases de dados como Scielo, BVS, Medline e Pumed e em livros, para que fosse possível responder ao proposto pelo objetivo. Assim a edificação desta obra partiu-se em duas etapas, a primeira foi a seleção do material útil para leitura e a segunda foi a construção e aplicação de um *checklist*, o qual, propunha identificar as principais semelhanças e diferenças entre as pandemias expressadas no material encontrado.

RESULTADOS AND DISCUSSÃO

O primeiro ponto em comum que pode se destacar entre essas doenças é o caráter de serem infectocontagiosas. As doenças desse tipo costumam ser de rápido contágio e transmissão a longo espectro. Elas podem seguir o caráter de serem zoonóticas, sexualmente transmissíveis, cutâneas, arboviróticas, de veiculação hídrica e respiratória. Essa categoria de enfermidade ainda no século XXI encontra-se como uma das principais responsáveis por casos de morbimortalidade no mundo todo, deixando um rastro de consequências nos setores de saúde, economia e geopolítica (Appi, 2019). E embora suas formas de entrada pelo corpo possam variar, existe uma certa predisposição das doenças pandêmicas em adentrarem no corpo humano pelas vias aéreas superiores. Essa prevalência pode ser explicada pelas estruturas que constituem esse sistema, a boca e a narina por realizarem o movimento de inspiração e expiração permitem que alguns organismos entrem no corpo, ainda que haja cílios que realizem uma pré filtração do ar respirado. Após a entrada no corpo, e passagem por faringe, laringe e traqueia, as células que realizam as trocas gasosas conhecidas como alvéolos costumam ser o alvo principal dos patógenos por sua relação com a corrente sanguínea. Tendo em vista que no momento que os patógenos alcançam a corrente sanguínea, dispersam-se pelo corpo e propagam sua infecção. Destaca-se também que aparentemente, o sistema respiratório parece ser o percurso mais breve e rápido para a reprodução da doença (Santos, 2017).

Além disso, nota-se que há uma forte relação das doenças infecto contagiosas com as questões de higiene humana. O que põe em xeque não só a capacidade do homem de cuidar de si, mas quesitos que envolvem gestão, comprometimento e saúde coletiva, determinantes que em inúmeras ocasiões fogem do âmbito individual. Isto foi visto claramente no transcorrer das pandemias, pois, é notório que quanto menos medidas de saneamento existiam mais intenso era o aparecimento das doenças, e por mais tempo perduravam. A prova disso é a proximidade com que as doenças surgiam com intervalos que iniciaram de modo curto quando não simultaneamente (Scriptore, 2020). Estudos mostram que após a implementação do saneamento básico, os níveis mortalidade e morbidade principalmente na perspectiva infantil decaíram significativamente, ainda que o saneamento seja algo mais presente nos países desenvolvidos, o que explica o fato de algumas doenças consideradas erradicadas na maioria deles ainda serem registradas em países que tem esse sistema frágil ou inexistente como os subdesenvolvidos (Scriptore, 2016). Um reflexo disso é o fato de que as doenças com maior potencial letárgico e que acumulam o maior número de mortos aconteceram em épocas que o saneamento básico se quer era um projeto, os exemplos disso, são peste negra, cólera, varíola e gripe espanhola. Nos períodos em que essas doenças assustavam o mundo, elas eram justificadas por teorias de saúde que reduziam o saneamento básico a uma ideia distante e incompleta. Os adoecimentos eram justificados em sua maioria das vezes por castigos religiosos, forças dos ares os conhecidos miasmas até enfim surgir resquícios da ciência para refletir-se sobre patógenos (Silva, 2020). No entanto a reflexão sobre patógenos ou sobre a necessidade de realizar medidas higiênicas não surgiu pela necessidade emergencial de cuidar da saúde diretamente e sim pelas questões econômicas que a permanência das pandemias causava. As grandes navegações, o trabalho escravo que amontoava pessoas, a rápida urbanização que aumentava a existência de cortiços e os moradores de rua que estampavam a pobreza, adoecia, contaminavam mais pessoas e afetavam a economia, dado que, países pandêmicos não são seguros para transações econômicas. E de certa forma, a pobreza ainda é marca registrada das doenças infectocontagiosas, já que a população pobre ainda é quem mais morre nessas situações (Silva, 2020).

Por outro lado, ainda que as pandemias cujo patógenos eram bacterianos tenham durado bastante tempo, sua duração está mais relacionada com o pouco avanço da ciência na época, diferentemente das pandemias causadas por vírus que são mais recentes e estão associadas a dificuldade de encontrar medicações antivirais, ou vacinas que combatam rapidamente o vírus. Pois, grande parte desses vírus possuem características que dificultam seu processo de identificação e morte, entendendo-se que alguns sofrem mutações genéticas constantemente, ou até mesmo mudanças de acordo com a sua expansão geografia. O HIV por exemplo já tem cerca de 30 anos e ainda não possui cura. Este tipo de problemática é geralmente o que dificulta a erradicação das doenças e o que muitas vezes as pontua como emergentes em localidades (Sousa, 2020). Ademais, os veículos de informação ainda que arcaicos e os próprios governos vigentes nas épocas, subsidiaram palcos e estruturas para a permanência das pandemias, a exemplo das fake News que é hoje tão presente e arma de dificuldade para o combate a covid -19, as notícias falsas e distorcidas estiveram presentes também em outras pandemias. A fragilidade da ciência, e a perspectiva do que é novo, acaba sendo desde o primórdio da civilização, uma brecha perigosa para que as informações erradas apareçam e se fortifiquem, culpabilizando pessoas, invertendo situações, criando curas, prazos e uma perspectiva baseada nas certezas de pessoas sem nenhuma formação, mas que se julgam detentores de sabedoria (Santos Júnior, 2020). O cenário caótico se completa com a pouca importância dada a maioria das doenças quando surgem, e o desdém aplicado as medidas de isolamento, quarentena, e uso de equipamentos de proteção individual como as máscaras. Em outras fases da história as pandemias inicialmente foram tarjadas como adoecimentos passageiros, que não mereciam alardes, mas no fim ao alastrar-se pelos continentes, a doença recebia um olhar diferenciado e a ânsia pela cura intensificava-se e ficava notório que o problema não era tão simples como dito anteriormente. (Santos Júnior, 2020).

- Silva, MP. Processo Saúde-Doença e Políticas de Saúde. Aula 01: Por uma visão ampla de saúde. Universidade Estadual de Montes Claros, 2016. Disponível em <http://proedu.rnp.br/bitstream/handle/123456789/603/Aula_01.pdf?sequence=1> Acesso em 08 de agosto de 2020.
- Sousa, SB. Narrativas da luta política: luto e precariedade na emergência do HIV/AIDS em Belém do Pará. Brasília. Dissertação [Pelo Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania] – Universidade de Brasília; 2018. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/34622/1/2018_S%c3%a1vioBarrosSousa.pdf> Acesso em 10 de agosto de 2020
- Sternberg ÁMR; Sandoval EB. HIV / AIDS, A PANDÊMICA DA MUDANÇA DO MILÊNIO. Medicina, 2020 abr-jun; 42 (2). 283-297. Disponível em <<http://www.revistamedicina.net/ojsanm/index.php/Medicina/article/view/1522/1929>> Acesso em 07
- H1N1. Brazilian Journal of Health Review, 2020 mar-abr; 3 (2). 3591-3595. Disponível em <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/9132/8935>> Acesso em 07 de agosto de 2020
- Velavan TP; Meyer CG. A epidemia da COVID-19. Trop Med Int Saúde. 2020 mar; 25 (3): 278-280. Disponível em <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7169770/>> Acesso em 07 de agosto de 2020.
- Santos Júnior LA. Pandemias. REVISTA DA FAESF, 2020 jun; 4 (Especial COVID 19). 79-83. Disponível em <<http://faesfpi.com.br/revista/index.php/faesf/article/view/121>> Acesso em 10 de agosto de 2020.
